

7 de Maio de 2021

Revisitar o Museu de Marinha - Parte I

(Post reformulado a partir de outro já publicado em 31 Janeiro de 2013/31 de Julho de 2019)

Parte I

Introdução: Entendi não dever alterar/actualizar o conteúdo deste *post* até porque retiraria significado à sequência de outros posteriores que irei republicar. Em tempo de pandemia e contenção, apenas posso acrescentar que nunca mais estive presente no Museu de Marinha desde a data desta publicação



No final do ano transacto, por duas vezes, entendi revisitar a nobre instituição que é o Museu de Marinha. Não o fazia há muito! Um *mea culpa* que assumo, agravado pela condição de integrar os corpos directivos do GAMMA – Grupo de Amigos do Museu de Marinha, cuja actividade pelo desempenho do cargo seria suposto motivar-me para maior assiduidade e empenho.

Não me tem sido possível disponibilizar esse tempo, enovelado num afã de compatibilizar solicitações com resolução de problemas que, de forma agravada para a generalidade das pessoas mas também para mim, afectam indiscriminadamente a vida da maioria dos cidadãos.

Não sendo imune a uma certa crise instalada nem excepção à regra, acautelar saúde temporariamente abalada, acompanhar emigração de familiares

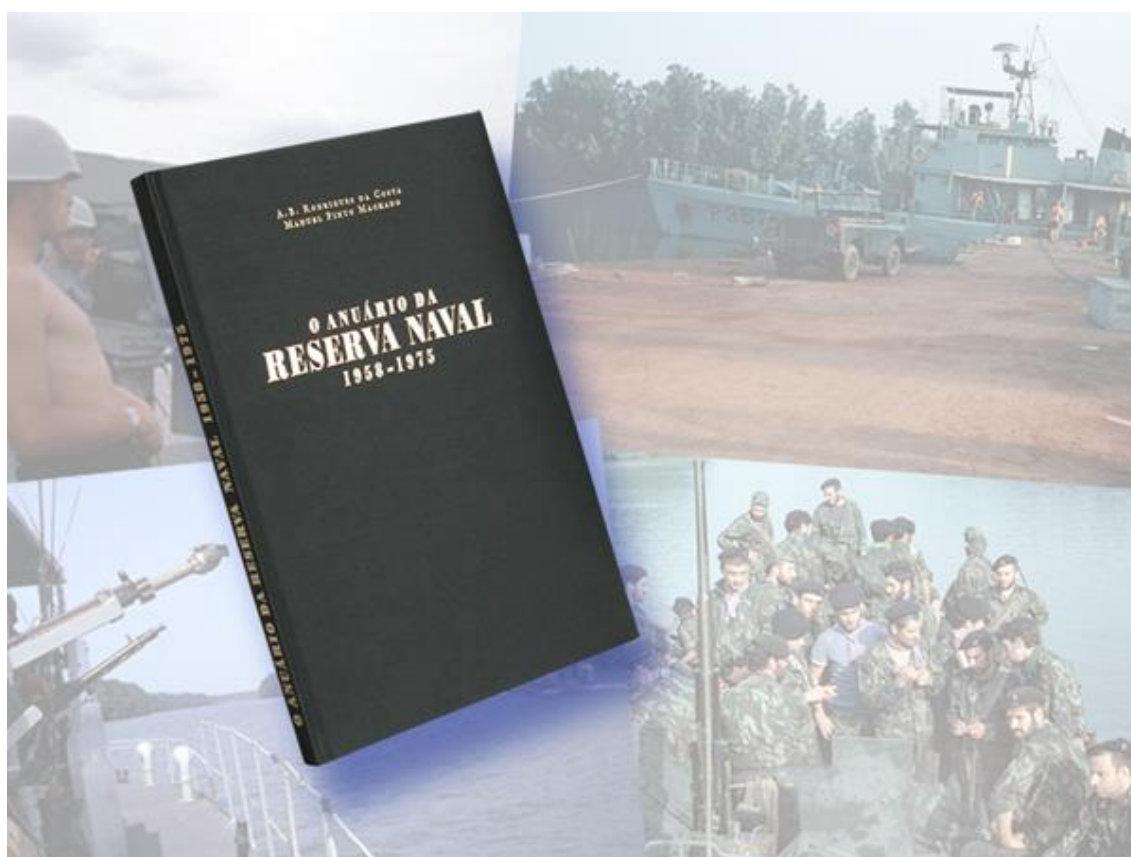
próximos por motivos profissionais e necessidade de redimensionar meios no equilíbrio de vida profissional, tornaram-se para mim objectivos prioritários.

Depois de algum tempo de navegação em águas alterosas e turvas, conseguida agora alguma acalmia de vento e mar, suponho poder regressar, no ano que ora se inicia, às habituais deambulações Reserva Naval, numa aposta de manter içada aquela bandeira, soprada por agitado vento num drapear excessivo.

Agradecendo aos leitores que me acompanham e motivam, aqui deixo expressa a minha vontade pessoal de, navegando neste blogue, sulcar alguns rumos ainda não marcados, dobrando alguns cabos que não o das Tormentas aportando, enfim, a alguns aspectos da memória histórica da Marinha e da sua Reserva Naval.

Não tem sentido falar em Reserva Naval sem que o conceito seja desenvolvido devidamente enquadrado na Marinha e, de igual modo, não terá significado pensar em memória histórica da Reserva Naval sem o empenho e dinamização activa e interessada da Instituição, a casa-mãe daquela classe de oficiais.

Ipso facto, a História da Marinha da última metade do século passado, supor-se-á dever incluir o historial de duas gerações de oficiais da Reserva Naval, como valioso activo da sua própria história.



Anuário da Reserva Naval 1958-1975

Correspondendo a dois períodos distintos de formação de oficiais, houve uma primeira leva de 1.712 oficiais da Reserva Naval, distribuída por 25 cursos de várias classes, entre 1958 e 1974 (durante o ano de 1975 não se realizaram cursos), necessidade emergente de uma solicitação acrescida de meios e pessoal, consequência do aumento do dispositivo naval que antecedeu a eclosão da Guerra do Ultramar nos teatros de Angola, Guiné e Moçambique.

A partir do ano de 1975, com o final dos conflitos além-mar, houve que encarar a retracção do dispositivo naval da Marinha com o redimensionamento consequente, redefinição do espaço geográfico e vocações próprias, bem como ainda a atribuição de prioridades operacionais específicas. Contrariamente ao previsível, mais 1.885 oficiais da Reserva Naval, igualmente distribuídos por várias classes, numa segunda geração de 78 cursos, foram formados entre 1976 e 1992.



Anuário da Reserva Naval 1976-1992

Reforçar meios em áreas como investigação científica, salvamento, apoio e protecção a populações, acções de paz ou formação, segurança interna, fiscalização, combate ao narcotráfico e pirataria obrigou a Marinha, a socorrer-se das universidades, continuando a recorrer ao exterior na admissão médicos, engenheiros, economistas, juristas, especialistas em diversos ramos, fuzileiros, etc.

Este espaço de tempo de mais de três décadas, sem o indispensável suporte documental ou também lembrado em representação museológica pelo modelo, pela imagem ou na escrita, pode configurar um tão inconveniente como indesejável esquecimento e, ainda que tal não venha a suceder, tempo em excesso decorrido sobre acontecimentos factuais, implicará necessariamente esbatimento e deturpação no relato histórico posterior dos acontecimentos.

Particularmente no que diz respeito à Guerra do Ultramar, participada intensamente pela geração de militares dos anos '60, dos quadros permanentes ou como reservistas, com um horizonte de vida agora compreensivelmente encurtado, correr-se-á o risco de desaparecerem, a curto prazo, muitos dos testemunhos vivos, fontes insubstituíveis de acontecimentos ainda não relatados.

No caso da Marinha de Guerra além dos Sargentos e Praças que integraram, no decorrer daquele alargado período de tempo, os diversos dispositivos navais em várias frentes, há também que considerar os Oficiais dos Quadros Permanentes e da Reserva Naval que desempenharam missões em Unidades Navais, Fuzileiros ou também Unidades e Serviços em Terra.

[Continua com Parte II](#)

Lanchas de Desembarque Médias (LDM) e Lanchas de Desembarque Pequenas (LDP)

Fontes:

Anuário da Reserva Naval 1958-1975, Comandantes Adelino Rodrigues da Costa e Manuel Pinto Machado. Lisboa 1992; Anuário da Reserva Naval 1976-1992, Manuel Lema Santos, AORN, 2011; fotos de arquivo do autor do blogue;

mls